



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



Por AUGUSTO de SANTA RITA

Desenhos de A. CASTANÉ.



ARIMILIA, filha duma modesta costureira, tem dez anos apenas! Mas suas dez primaveras em flôr, irradiam tal luz e exuberância, através dos seus vivos olhos azuis, da sua boca vermelha, do seu sorrizinho de oiro e, emfim, da sua expressão, tão sugestiva e insinuante, que dir-

se-ia haver acumulado na alma e no seu lúcido espírito, todas as primaveras desde que o mundo é mundo.

Profundamente emotiva, dotada de uma rara habilidade manual e dum requintado gôsto, passava, por vezes, horas a bordar, a forrar caixinhas com retalhos de cretone ou chita, a desenhar e a cortar lindos moldes ou a fazer brinquedos de pano e serradura, a um canto da casa da costura, no mesmo vão de janela em que a pobre mãe trabalhava o dia inteiro, a-fim-de garantir o seu sustento e o da filhinha estremecida, no belo palacete dos Condes de Montemór de Cima, que a tinham ao seu serviço, ou antes ao da pequenina Ninette, para quem eram os vestinhos lindos que a mãe de Marimília executava.

A pequenina Ninette, que, apesar-dos seus inocentes doze anos, já era um pouquinho orgulhosa da soberania paterna, dos seus pergaminhos de nobreza, dos seus vestidinhos caros e dos seus ricos presentes, brinquedos de toda a espécie, instintivamente senhoril, sabendo já olhar, de soslaio, por cima do ombro pequenino, luxuosamente enfeitado por plissados cabeções ou lindas golas de renda, vinha, às vezes, surpreender Marimília



entregue à sua faina, à execução dum brinquedo tão semelhante, após concluído, aos que estavam à venda nos melhores bazares da terra em que viviam.

Destituída de jeito, uma pontinha de inveja, láiscava no olhar cobiçoso de Ninette, e, então, impelida por seu instinto de emulação e despeito punha-se a desdenhar: — «Os meus bonitos são comprados nas lojas e os teus são feitos por ti com os restos dos meus vestidos e dos meus cha-

(Continua na página 3)

CURIOSIDADE

POR AUGUSTO DE SANTA RITA

Desenhos de A. CASTANÊ

A pequenina Maria
 — (botão de rosa que abria
 em manhã de Primavera) —
 tinha o sestro de indagar
 a razão de quanto via,
 não só o que era, de que era,
 e para quê é que servia.
 Até a avó se aborrecia
 de tanto a ouvir perguntar;
 — (Pudera!) —
 Tanto lhe qu'ria
 e tanta vez não sabia
 responder,
 satisfazer
 a sua curiosidade
 que tinha razão de ser;
 pois traduzia a ansiedade
 de saber.

— «Avózinha o que é aquilo,
 que se ouve, à noite, no campo,
 quando está tudo tranqüilo,
 chiando muito?»

— «A voz do grilo.»

— «E a luzinha que, ontem, vi
 a rebrilhar sôbre o tampo
 da cisterna?»

— «Um pirlampo.»

— «Mas porque é que tanto brilha?...»

— «Minha filha,
 que insistência!
 Porque tem fosforescência
 como alguns peixes que, à noite,
 irradiam também luz.»

— «Mas o que é fosforescência?!»

— «É matéria que reluz
 e se torna incandescência.»

— «E incandescência o que é?»

— «Efeito da combustão...»

— «Ah: (clama Mariazinha)
 insatisfeita, porém,
 sem ter atingido bem,
 já se vê,
 a explicação
 da Avózinha.»

— «E porque é, Avó, porque é
 que a minha cabeça é loira
 como o Sol que doira
 a rua
 e a tua,
 embora não menos bela,
 é branca da côr da lua?!»

— «Porque... porque (então, diz ela,
 algo indecisa) — Porquê?!»

Porque o astro Sol tem calôr,
 tem luz própria, minha filha;
 e a lua, que no céu brilha,
 sem luz própria, meu amor,
 é tal como eu que só vivo
 do teu ar encantador:

— o meu sol. Eis o motivo!

— «E, ó Avózinha, porque é
 que as tuas mãos são um crivo
 de poros, rugas e engelhas,
 e as minhas são como as louças
 de Sevres ou «biscuit»?!»

— «Porque as minhas já são velhas
 ... e as tuas inda são moças!



—«E porque motivo, Avó, quando no céu já não arde a luz do sol, pela tarde, o espaço se enche de pó!?»

—«Essa poeira, menina, não é poeira!»

—«Que é?»

—«Tem

por nome névoa ou neblina. E nos meus olhos, também, podes ver, pois também há!»

—«Mas, Avó, porque será que ela se vê? Dize. Anh?!...»

—«Porque em mim é noite já e em ti, filha, inda é manhã!»

*

Hoje em dia, todavia, já não pergunta, Maria, o que perguntava outr'ora;



pois agora, na su'alma é já *mei-dia* e em seus braços faz ó-ó-nova Aurora!

*

Nasce o Dia, morre o Dia... Cinza e pó! E qualquer dia, Maria vê-se Avó!

■ ■ ■ ■ F I M ■ ■ ■ ■

UMA ALMA DE ARTISTA

(Continuado da página 1)

péus. Se não fôsse eu, não os podias fazer!...» E outros ditos semelhantes que deixavam Marimília indiferente, sem tempo a perder com uma resposta inútil, toda entregue á beleza e ao prazer íntimo e grato da sua realização que era, afinal de contas, embora rudimentar, uma das mais belas manifestações da sua alminha de Artista.



Certo dia, porém, a invejosa Ninette não pde conter refreado por mais tempo o seu despeito. Marimília havia concluído uma linda boneca. Com um retalho de feltro cõr de rosa de um chapéu de Ninette, aquela improvisara uma linda cabeça de boneca, a cuja extremidade applicara um pedacinho inutilizado de astracan castanha, levemente doirada, formando-lhe a cabeleira, depois de a haver ligado ao respectivo tronco e membros, contornados em pano, cozidos à máquina e cheios de serradura e envolvidos, por fim, em atavios de seda fulgurante, organdi e cambraia. Estava linda a boneca! Com duas contas, sobrelinhadas a ponto de retroz preto, fizera-lhe uns lindos olhos expressivos e, a ponto de retroz vermelho, uma boquinha graciosa, que dir-se-ia querer beijar Marimília, como agradecimento pela vida aparente que lhe dera. Estava linda a boneca! Nem no próprio bazar se encontrava uma assim.

A pretexto de que eram seus os retalhos com que ela executara a boneca, Ninette reclamou-a: —«Ou ma dás imediatamente ou vou dizer à mamã que despeça a tua mãe que está a roubar nos os restos dos meus vestidos e dos meus chapéus!»

Em face de tão insolente ameaça que, por feliz acaso, a mãe de Marimília não ouvira — (aliás teria sido-a própria a despedir-se,) — pois se ausentara por momentos, e confiada em que a mamã de Ninette acharia feio o procedimento da filha, com as lágrimas nos olhos e apertando a boneca contra o seio, como se a defendesse, Marimília, in-

dignada, voltou-lhe apenas: — «Nunca! E' minha e só minha!»

— «Quanto queres por ela?!» — (volveu-lhe, então, orgulhosa e altiva, a má menina, temendo que a mãe lhe não desse razão). — «Dou-te vinte mil réis do meu mealheiro» insistia Ninette, com um sorriso maldoso, certa do seu triunfo.

— «Não vendo!» bradou secamente a Marimília.

— «Dou-te trinta mil réis; o que a tua mãe ganha a esfalgar-se em três dias.

Este último argumento abalou Marimília que, desta vez, sumidamente, vacilantemente, balbuciou: — não vendo!

Certa do seu triunfo, mantendo o seu sorriso diabólico, a Ninette insistia: — Quarenta mil réis! Poderia a tua mãe descansar quatro dias! Anda fraca, coitada! Reflecte!

Profundamente abatida, não teve já ânimo para responder mas conservava, ainda, a bonèquinha apertada contra o seio,

— «Dou-te mesmo cinquenta! O que a tua Mãe ganha em cinco dias! Reflecte.

— «Toma-a!» volveu-lhe, então, Marimília, entregando a boneca, ao mesmo tempo que as lágrimas, aos pares, lhe rolavam nas fâces pálidas pela emoção que sentia.

— «Vês o que faz ser rica?!» — disse, soberbamente, a má Ninette com ar triunfador, entregando-lhe, em troca da boneca, uma nota, novinha, de cinquenta escudos.

Ao recebê-la, as lágrimas secaram-se-lhe instantaneamente, uma ligeira contracção se esboçou em seu rosto, num rictus de amargura, e, altivamente, exclamou:

— «Desconta a importância dos retalhos!»

— «Não vale a pena», balbuciou, confusa, a orgulhosa menina, voltando-lhe as costas, levando a boneca no regaço e deixando-a sòzinha.



Uma nova crise de choro avassalou, então, Marimília, cujos soluços abafava, voltada para a janela, sentindo a aproximação da mãe, a sua querida Mãezinha que se esfalfava a trabalhar, e por cujo amor sacrificara a sua linda boneca, confeccionada por suas próprias mãos!

Seguida pela mãe de Ninette, apareceu, então, a mãe de Marimília que junto da janela se sentou, costurando à máquina, sem olhar para a filha que se conservava de costas, voltada para a janela. Ao ver, porém, chegar a Senhora Condessa, Marimília voltou-se bruscamente e, dirigindo-se-lhe, exclamou com manifesta timidez:

— «Senhora Condessa, vende-me estes retalhinhos para eu fazer uma boneca?!»

— «Não tos vendo, dou-t'os, com muito gôsto» respondeu, rindo e beijando-a, a bôa mãezinha de Ninette.

— «E onde tinhas tu dinheiro para os comprar? interrogou, então, a mãe de Marimília, que, logo, alvoroçadamente, acrescentou, vendo-lhe os olhos pisados e uma lágrima, ainda, a tremular-lhe no rosto: — «Mas tu choraste?!...»

— «Aqui! (interrompeu, Marimília), cinquenta mil réis... Ganhei-os há bocadinho. São para ti, mãezinha». E Marimília estendia a nota, contando, na presença da mãe de Ninette, tudo que se passara.

— «Agora compreendo a razão porque me pediste que te vendesse os retalhos, Marimília! Não, minha filha; os retalhos que se destinavam ao caixote do lixo e que tu tão bem soubeste aproveitar, passaram a ser teus por direito de conquista e espírito económico, visto que, para nós, nenhum préstimo tinham. Com eles realizaste uma



(Continua na página 7)

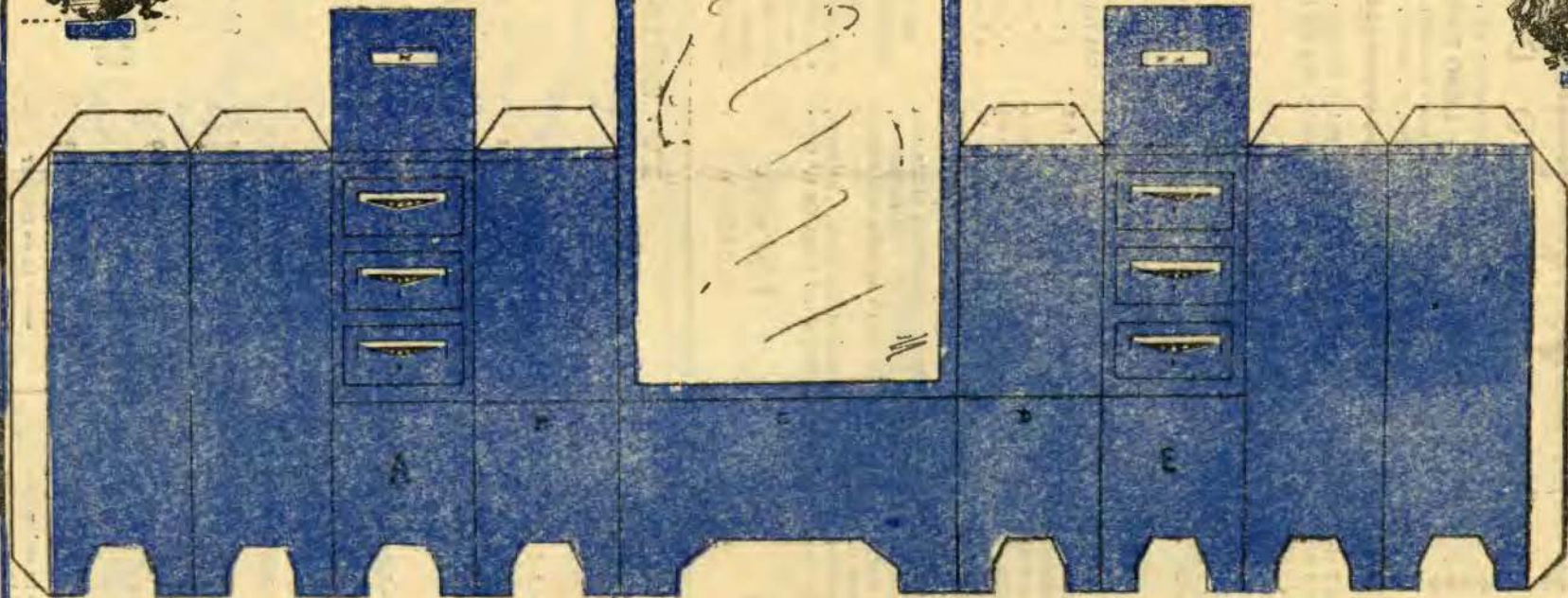
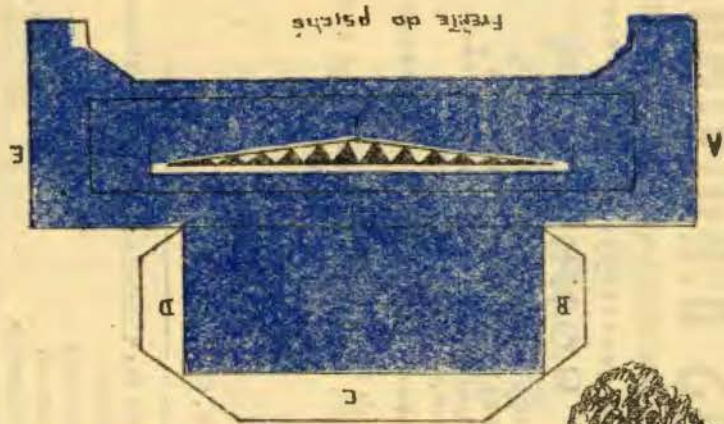
CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

AM
AM
UM

Suplenta
Infantil
do
"Seculo"



FOLHA n.º 4



Psiché

MILDO
MUNIZ

PPRI
Infantim.

1º CONCURSO de CHARADAS e ADIVINHAS

QUADRO DE HONRA

VENCEDORES EM TODAS:

EL-GORDO — DOM FAFE — LEÃO DAS SELVAS — JOSÉ HESPANHA

Erraram apenas nos enigmas tipográficos: El Diabito, Cochleo, Zéfiro, Marmelo Verde, Piorra

Com um erro apenas: N. Joyce, H. Moniz, Perdigota de Entre-Campos, Fakir

Com 2 erros apenas: — M. Verde, Piorra, Zéfiro, Fakir, Perdigota de Entre-Campos.

Com 3 erros apenas: — El-Rei Gomos V, Ber Latino, Rei da Itália, Maria de Lourdes, Eu aqui sei, Zé Quitolas, Bananiz, Vencedor.

Com 4 erros apenas: — Aprendiz.

Com 5 erros apenas: — Olho de Lince.

Com 7 erros apenas: — João de Jesus Correia.

Com 9 erros apenas: — Ildefonso Varela Sancho.

Com todos errados... apenas: — Bia, Victorioso, Cinéfilo, etc., etc., etc.

Meus amigos:

Embora o número dos concorrentes aumentasse, foi muito desanimador o resultado.

Como estão vendo pelo quadro de honra, quem leva a camisola amarela é o valente EL-GORDO seguido de perto por outros não menos perigosos concorrentes. O Zé Quitolas deixou-se ficar para traz com 3 fueros ou sejam 3 erros... de palmatória.

Atendendo a que os enigmas tipográficos ainda são muito difíceis para os jovens leitores do Pim-Pam-Pum, ficaram incluídos no Quadro de honra aqueles que só não decifraram esses problemas.

Os problemas da 3.ª série não custam nada... e depois, só faltam duas séries para se chegar ao final do 1.º Concurso.

Vosso amigo

TIOTÓNIO

Solução das Charadas e Adivinhas publicadas no n.º 344 (II Série).

1.ª — Favorita

2.ª — Carocha

3.ª — Sarabanda

4.ª — Cavalo — calo

5.ª — Cachopa — copa

6.ª — Lima

7.ª — Perola

8.ª — O Amor é sagaz

9.ª — Os grandes após-tolos

10.ª — Problema:

Os dois azeiteiros resolveram o problema da seguinte maneira:

— Encheram a bilha de três litros e despejaram o seu conteúdo na de cinco. Repetiram a operação, o que deu em resultado ficar a de cinco cheia e a de três com um litro. Despejaram a de cinco na de oito e deixaram esse litro na primeira. Encheram novamente a de três e juntaram o seu conteúdo ao litro que já estava na de cinco. Ficaram, portanto, quatro litros para cada!

IV. Série

CHARADAS EM FRASE

1.ª — A Careca do Lima é o meu martírio. 2—2

Rei da Itália

2.ª — Ao chegar ao leito vi esta fêra mudar de cor. 2—2

Zé

3.ª — Acima de todas as coisas está este vestuário. 2—2

...

CHARADAS AUMENTATIVAS

4.ª — Neste rio há muito boa fructa — 2.

Rei da Itália

5.ª — Estamos à vista desta cidade algarvia — 2

Toiça

CHARADAS COMBINADAS

6.ª — + ta = procura

— ta = animal

— ta = limite

— ta = porção

Conceito — doce

7.ª — + ta = abertura

— ta = busca

— ta = mulher

— ta = liga

Conceito — sugidade

ADIVINHAS

8.ª — Eu corro sem pernas ter,

Vão mas azas não tenho,

Assobio até, sem querer,

E por toda a parte venho.

Empurro quem eu quiser

Mas é tal o meu engenho

Que quer faça o que fizer

Parto casas parto lenho,

Sem nunca ninguém me vêr...:

El-Rei Gomos V

PARA OS MAIS PEQUENINOS

9.ª — Qual é o animal que come com as patas?

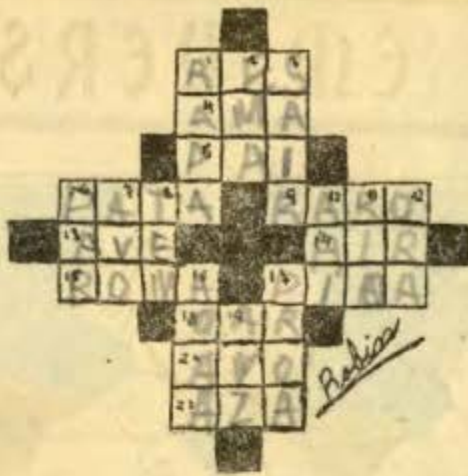
As soluções destes problemas, que estarão em nosso poder até às 18 horas do dia 17 de Setembro (sábado), devem ser dirigidas a

Tio Tónio

Rua do Seculo, 43

LISBOA

P
A
L
A
V
R
A
S



C
R
U
S
A
D
A
S

HORISONTAIS

- 1 — boi, carneiro, etc..
- 4 — mulher que amamenta,
- 5 — filho do meu avô.
- 6 — animal.
- 9 — coisa pouco usual.
- 13 — animal volátil.
- 14 — verbo.
- 15 — cidade italiana.
- 17 — pequeno gorro.
- 18 — verbo.
- 20 — a mão do meu pai.
- 21 — parte do corpo das aves.

VERTICAIS

- 1 — jogo com letras (5, 2, a, p).
- 2 — nome próprio.
- 3 — verbo.
- 6 — Duas coisas da mesma espécie



Que será que a Lili leva á cabeça, que vai tão preocupada?

UMA ALMA DE ARTISTA

(Continuado da página 4)

pequena obra de Arte, que estavas no direito de usufruir ou vender.

Marimília, de olhos no chão, assás comovida, ouvia, com íntima satisfação e um sorrizinho nos lábios, as boas palavras da Senhora Condessa. Entretanto, Ninette, com a boneca estreitada contra o peito, surgia à porta, e escutava deveras embaçada, o que a Mãe, docemente, proferia.

— «A Ninette ofendeu-te; foi má e vou repreendê-la», prosseguiu a Condessa que, ao vê-la entre portas, a chamou: — Vem cá, Ninette; pede já perdão a Marimília pela ofensiva ameaça que lhe dirigiste e restitue-lhe a boneca.

— «Mas eu comprei-lha, mamã! balbuciu, confusa e humilhada, Ninette, tartamudeando, sumidamente: — «Desculpa!»

— «Embora! Restitue-lhe a boneca». E, como visse Marimília restituir-lhe a nota, acrescentou:

— «Bem; agora torna a dar-lhe o dinheiro como indemnisação pelo que a fizeste sofrer. E' a multa que pagas!

E Ninette retirou-se a chorar.

*

No dia seguinte, de manhã, a mãe de Marimília, acompanhada por esta, voltou ao serviço da Senhora Condessa. Marimília trazia um grande embrulho consigo, que entregou a Ninette, juntamente com um cartão de visita em que ela havia escrito: — A' sua amiguinha Ninette, oferece — Marimília.

Ninette desembulhou. Dentro duma comprida caixa de cartão, estava uma linda boneca, inda mais formosa que a da véspera, e que Marimília confeccionara em casa, durante todo o serão.

UMA ANECDOTA EM VERSO



I — O triste herói desta história,
por baptismo «Zé Maria»,
tinha tão fraca memória
que de tudo se esquecia.

II — Ao ir ás ocupações
ou giros habituais,
punha as casas dos botões
sempre chelas de sinais.



III — E um certo dia, ao serão,
a-fim-de não se esquecer
de ir ao Ramiro Leão,
fazer compras à mulher,

IV — na casa de jantar, pôs
as cadeiras sôbre a mesa.
— «Vendo-as, assim, — (diz após) —
não me esqueço, com certeza!»



V — Mas no dia imediato,
ao chegar para o almôço,
e ao ver o estranho aparato,
murmura com alvoroço:

VI — Este meu criado é doudo!...
Põe as cadeiras no chão,
sai e esquece-se, de todo,
de ir ao Ramiro Leão.